

E' muito usada para os meninos, e doentes pelo seu perfume e facil digestão, e debaixo do ponto de vista de suas propriedades nutritivas merece a preferencia sobre todas as féculas ou gomas conhecidas, em consequencia da quantidade de proteina que contem.

E' provavel que na Europa tenha muita extracção attenta as suas qualidades mencionadas, sendo talvez mais conveniente enviar as aparas para serem então lá reduzidas a farinha.

O bom gosto da farinha de bananas depende em grande parte da rapidez, com que se fizer a dessecação; portanto, salvo o caso de se usar de forno, ou estufa, convem não expôr ao sol os pedaços senão em tempo quente e secco; sendo igualmente indispensavel que as bananas não estejam proximas a sua madureza porque n'esse caso não seccão completamente.

Um cacho de bananas da Goyana, bem fornido e convenientemente desenvolvido, pôde dar 60 por % de materia e aproveitavel e 25 por % de farinha.

As laminas de aço devem ser proscriptas do corte; porque alterão a cor da farinha. O autor propõe para esse corte, quando houver de operar-se em grande, a machina que se emprega para cortar as raizes que servem de alimento ao gado, accrescentando que se pôde usar de machina simples, sem descrever ou indicar alguma, para descascar o fructo.

Madura a banana, a sua casca torna-se amarella, e então grande parte da fécula que contem converte-se em assucar de uva; e n'esse estado a banana é como sabemos um fructo bastante agradável.

A sociedade das Artes da Goyana ingleza suppõe que a banana depois de madura e secca pôde concorrer muito vantajosamente com os figos passados, não só pelo seu agradável sabor, como pela propriedade que tem de conservar-se por muito tempo e resistir aos ataques dos insectos. Este facto é provado pela porção preparada no Mexico, havia já annos; e que foi exhibida na exposição de Londres em 1851.

No Mexico basta expor as bananas ao sol para ficarem passadas e em estado de ser transportadas e entregues ao commercio, segundo refere Mr. Percy em uma memoria que a esse respeito publicou.

Uma copia d'essa memoria foi remettida á Goyana ingleza por Sir. John Packington; mas ou por causa da maior humidade do clima da Goyana, ou por causa de maior porção de elementos nitrogenios contidos nas suas grandes e pequenas bananas, não foi

sufficiente a exposição aos raios do sol para a preparação das passas de banana.

O Dr. Shier propõe tres processos para se conseguir bom resultado.

1.º—Expôr as bananas perfeitamente maduras a uma atmosphera de gaz acido sulphureo.

2.º — Expô-las a uma fervura rapida em agua impregnada de sulphato de cal.

3.º—Usar da mesma fervura, porém em xarope.

Por cada um d'esses processos, diz elle, a albumina e a caseina das bananas coagulam-se sufficientemente, e suspende-se a sua tendencia a fermentar e corromper-se, até que se consiga o estado de secura conveniente.

No clima da colonia ingleza, sem estas precauções, nada se consegue, porque o fructo attrahe a humidade e não pôde seccar.

A simples reflexão indica a preferencia que merece o segundo processo, pois que é mais facil de executar e menos dispendioso.

Demanda certa attenção o tempo em que o fructo deve ser colhido. Convem que esteja completamente desenvolvido, e que a casca comesse a amarellecer.

Cortados os cachos guardão-se em lugar limpo e fechado, e quando as cascas amarellas do fructo ficão pretas nas extremidades, apresentando manchas iguaes no resto da sua superficie, e sobre algumas d'estas manchas começa a apparecer o que na colonia ingleza se chama bolôr azulado, e as moscas vão se chegando attrahidas pelo cheiro do assucar que se exhala, e o fructo cede á leve pressão dos dedos, e levantada a casca debaixo das manchas pretas a polpa está como a dissolver-se, não se deve perder tempo, ferve-se o fructo, sob pena de o perder.

Se se começar mais cedo esta operação, não se tem convertido em assucar parte da fécula, e as passas ficão duras e sem doçura.

Quando as bananas não estão todas igualmente maduras, a simples pressão dos dedos sobre as atrazadas activa a madureza.

Antes de ferver as bananas podem cortar-se as extremidades da casca podres, attendendo porem que se o fructo tambem estiver podre n'esses lugares convem deixal-as, para se não extravasar o assucar. (*)

(*) O que se lê neste periodo é a expressão da idéa do original. Mas como ha de obrar o sulfato de cal sobre a substancia albuminoide e caseinoide da banana (o original diz, como vimos, albumina e caseina) atravez da casca?

Executada a fervura e tirada a casca expõem-se as bananas aos raios do sol sobre uma grade de bambús ou outra qualquer com tanto que os raios do sol e o ar possam penetrar as quasi igualmente por todas as partes.

Deve haver resguardo das chuvas e sereno, podendo também usar-se, em lugar da exposição ao sol de um forno, que se deve conservar aberto durante a operação, e com uma temperatura que a mão possa supportar, por que do contrario queima-se o assucar, e a polpa torna-se negra e amarga.

Feitas assim as passas, logo que estejam bem seccas, mettem-se em caixas e comprimem-se, como se costuma fazer com os figos, o que contribue para a sua conservação.

O leitor intelligente modificará o processo apresentado segundo o que colher da sua experiencia, attendendo ao clima das nossas diferentes provincias.

Va sem commentario.

Em um artigo sob o titulo—Macau—publicado na Illustração Luzo-Brazileira, depois de mostrar o seo autor a prosperidade a que tem nestes ultimos tempos chegado essa colonia portugueza, lê-se o seguinte :

« São singulares algumas das verbas da receita de Macau, taes como de licenças para vender caranguejos, pescar ostras, &c. O que porem mais admira é que as duas maiores verbas sejam de licenças para loterias e casas de jogo ! A primeira é de 14 : 700 patacas, e a segunda de 12 : 060 ; sommando ambas cerca de vinte e quatro contos de réis. O tributo sobre um vicio condemnado pelas leis e pela moral, tributo que em si mesmo é flagrante immoralidade, figura por mais do terço do total rendimento da colonia !

A licença ou antes privilegio de estabelecer loteria é obtida em hasta publica, de ordinario por um só individuo, especie de editor responsavel de companhia ou sociedade encoberta. A loteria é diaria, e feita por systema mui diverso dos que se usão na Europa. Todos os dias se publica um plano que serve tambem de bilhete, contendo oitenta caracteres chinezes. Ha uma escala para o preço dos bilhetes, cujo minimo é de cinco sapecas. (1)

Penetrará pelos tecidos da casca em decomposição ou prestes a isso ? E' o que parece, attentas as experiencias, que devem ter sido feitas pelo autor do processo.

(1) Moeda de composição mixta de estanho e cobre, semelhante na forma e espessura ás moedas de 400 réis modernamente cunhadas em Portugal,

Os premios são calculados na razão composta do preço escolhido pelo comprador e do numero de caracteres em que quer jogar, e que marca com traços encarnados no acto da compra, de que toma nota o vendedor.

A direcção da loteria escolhe certo numero de caracteres, dos oitenta do plano, de modo que formem uma phrase ou pensamento. A felicidade do jogador está em ter marcado todos ou parte dos caracteres contidos n'essa phrase, que todos os dias de tarde se patentea ao publico. N'isto unicamente consiste a extracção da loteria. Os premios são regulados por calculos de progressão muito intrincados, e de modo que os jogadores mui poucas probabilidades teem de tirarem premios avultados. O systema é assás engenhoso, mas tão complicado que seria impossivel explicitar-o completamente.

Do mesmo modo se arremata o privilegio de abrir casas de jogo. O que mais usão em Macau é denominado *latao* : especie de banca portugueza, em que se fazem paradas sobre o numero um, dous, tres e quatro. Depois o banqueiro tira de um montão de sapecas uma porção ao acaso, e as vae separando rapidamente quatro a quatro. Os que apostarão no numero das que a final restão d'esta successiva subtracção ganhão a parada duplicada. N'isto leva a banca grande partido. Recebe apostas sobre tres numeros, e paga as de um só, ainda que duplicadas.

O jogo é severamente prohibido pelas leis do celestial imperio. Entretanto n'este ponto, como em muitos outros de utilidade e moral publica, são hoje letra morta. A corrupção penetrou ali em tudo, e em todos. Os costumes publicos affrontando a legislação, quasi transformarão o reino das flores (2) n'uma immensa casa de jogo.

Os Chins teem, desde o tempo immemorial, grande variedade de jogos, de dados e cartas, das quaes a forma o naipe differem dos da Europa. São mui apaixonados pelo xadrez, pelo jogo das damas, e pelo ganhar em que o parceiro vencido é obrigado, em geral, a beber uma taça de aguardente. Tambem gostão muito de combates de gallos, codornizes, grillos e gafanhotos e fazem

tendo de mais um buraco quadrado no centro. Em França suscitou-se agora a idea de imitar esta *chinoiserie* cunhando-se certa classe de dinheiro com um furro quadrado no centro, dizem que para dificultar o cercceamento da moeda.

(2) Os chins dão ao seu paiz as diferentes denominações de imperio celeste, reino do nieo, nação central e reino das flores.

É muito usada para os meninos e doentes pelo seu perfume e fácil digestão, e debaixo do ponto de vista de suas propriedades nutritivas merece a preferencia sobre todas as féculas ou gomas conhecidas, em consequencia da quantidade de proteina que contem.

É provavel que na Europa tenha muita extracção attentas as suas qualidades mencionadas, sendo talvez mais conveniente enviar as aparas para serem então lá reduzidas a farinha.

O bom gosto da farinha de bananas depende em grande parte da rapidez, com que se fizer a dessecção; portanto, salvo o caso de se usar de forno, ou estufa, convem não expôr ao sol os pedaços senão em tempo quente e secco; sendo igualmente indispensavel que as bananas não estejam proximas a sua madureza porque n'esse caso não seccão completamente.

Um cacho de bananas da Goyana, bem fornido e convenientemente desenvolvido, pôde dar 60 por % de materia e aproveitavel e 25 por % de farinha.

As laminas de aço devem ser proscriptas do côrto; porque alterão a côr da farinha. O autor propõe para esse côrte, quando houver de operar-se em grande, a machina que se emprega para cortar as raizes que servem de alimento ao gado, accrescentando que se pôde usar de machina simples, sem descrever ou indicar alguma, para descascar o fructo.

Madura a banana, a sua casca torna-se amarella, e então grande parte da fecula que contem converte-se em assucar de uva; e n'esse estado a banana é como sabemos um fructo bastante agradável.

A sociedade das Artes da Goyana ingleza suppõe que a banana depois de madura e secca pôde concorrer muito vantajosamente com os figos passados, não só pelo seu agradável sabor, como pela propriedade que tem de conservar-se por muito tempo e resistir aos ataques dos insectos. Este facto é provado pela porção preparada no Mexico, havia já annos; e que foi exhibida na exposição de Londres em 1851.

No Mexico basta expor as bananas ao sol para ficarem passadas e em estado de ser transportadas e entregues ao commercio, segundo refere Mr. Percy em uma memoria que a esse respeito publicou.

Uma copia d'essa memoria foi remettida á Goyana ingleza por Sir. John Packington; mas ou por causa da maior humidade do clima da Goyana, ou por causa de maior porção de elementos nitrogenios contidos nas suas grandes e pequenas bananas, não foi

sufficiente a exposição aos raios do sol para a preparação das passas de banana.

O Dr. Shier propõe tres processos para se conseguir bom resultado.

1.º—Expôr as bananas perfeitamente maduras a uma atmosphêra de-gaz acido sulphureo.

2.º—Expô-las a uma fervura rapida em agua impregnada de sulphato de cal.

3.º—Usar da mesma fervura, porém em xarope.

Por cada um d'esses processos, diz elle, a albumina e a caseina das bananas coagula-se sufficientemente, e suspende-se a sua tendencia a fermentar e corromper-se, até que se consiga o estado de seccura conveniente.

No clima da colonia ingleza, sem estas precauções, nada se consegue, porque o fructo attrahe a humidade e não pôde seccar.

A simples reflexão indica a preferencia que merece o segundo processo, pois que é mais facil de executar e menos dispendioso.

Demanda certa attenção o tempo em que o fructo deve ser colhido. Convem que esteja completamente desenvolvido, e que a casca comesse a amarellecer.

Cortados os cachos guardão-se em lugar limpo e fechado, e quando as cascas amarellas do fructo ficão pretas nas extremidades, apresentando manchas iguaes no resto da sua superficie, e sobre algumas d'estas manchas começa a apparecer o que na colonia ingleza se chama bolôr azulado, e as moscas vão se chegando attrahidas pelo cheiro do assucar que se exhala, e o fructo cede á leve pressão dos dedos, e levantada a casca debaixo das manchas pretas a polpa está como a dissolver-se, não se deve perder tempo, fôr-se o fructo, sob pena de o perder.

Se se começar mais cedo esta operação, não se tem convertido em assucar parte da fecula, e as passas ficão duras e sem doçura.

Quando as bananas não estão todas igualmente maduras, a simples pressão dos dedos sobre as atrasadas activa a madureza.

Antes de ferver as bananas pôdem cortar-se as extremidades da casca pódras, attendendo porem que se o fructo tambem estiver podre n'esses lugares convem deixal-as, para se não extravasar o assucar. (*)

(*) O que se lê neste periodo é a expressão da idéa do original. Mas como ha de obrar o sulfato de cal sobre a substancia albuminoide e caseinoide da banana (o original diz, como vimos, albumina e caseina; atravez da casca?

Executada a fervura e tirada a casca expõem-se as bananas aos raios do sol sobre uma grade de bambú ou outra qualquer com tanto que os raios do sol e o ar possam penetrar as quasi igualmente por todas as partes.

Deve haver resguardo das chuvas e sereno, podendo também usar-se, em lugar da exposição ao sol de um forno, que se deve conservar aberto durante a operação, e com uma temperatura que a mão possa supportar, por que do contrario queima-se o assucar, e a polpa torna-se negra e amarga.

Feitas assim as passas, logo que estejam bem seccas, mettem-se em caixas e comprimem-se, como se costuma fazer com os figos, o que contribue para a sua conservação.

O leitor intelligente modificará o processo apresentado segundo o que colher da sua experiencia, attendendo ao clima das nossas diferentes provincias.

Va sem commentario.

Em um artigo sob o titulo—Macau—publicado na Illustração Luzo-Brazileira, depois de mostrar o seo autor a prosperidade a que tem nestes ultimos tempos chegada essa colonia portugueza, lê-se o seguinte:

« São singulares algumas das verbas da receita de Macau, taes como de licenças para vender caranguejos, pescar ostras, &c. O que porem mais admira é que as duas maiores verbas sejam de licenças para loterias e casas de jogo! A primeira é de 14: 700 patacas, e a segunda de 12: 060; sommando ambas cerca de vinte e quatro contos de réis. O tributo sobre um vicio condemnado pelas leis e pela moral, tributo que em si mesmo é flagrante immoralidade, figura por mais de terço do total rendimento da colonia!

A licença ou antes privilegio de estabelecer loteria é obtida em hasta publica, de ordinario por um só individuo, especie de editor responsavel de companhia ou sociedade encoberta. A loteria é diaria, e feita por systema mui diverso dos que se usão na Europa. Todos os dias se publica um plano que serve tambem de bilhete, contendo oitenta caracteres chinezes. Ha uma escala para o preço dos bilhetes, cujo minimo é de cinco sapecas. (1)

Penetrará pelos tecidos da casca em decomposição ou prestes a isso? E' o que parece, attentas as experiencias, que devem ter sido feitas pelo autor do processo.

(1) Moeda de composição mixta de estanho e cobre; semelhante na forma e espessura ás moedas de 400 réis modernamente cunhadas em Portugal,

Os premios são calculados na razão composta do preço escolhido pelo comprador e do numero de caracteres em que quer jogar, e que marca com traços encarnados no acto da compra, de que toma nota o vendedor.

A direcção da loteria escolhe certo numero de caracteres, dos oitenta do plano, de modo que formem uma phrase ou pensamento. A felicidade do jogador está em ter marcado todos ou parte dos caracteres contidos n'essa phrase, que todos os dias de tarde se patentea ao publico. N'isto unicamente consiste a extracção da loteria. Os premios são regulados por calculos de progressão muito intrincados, e de modo que os jogadores mui poucas probabilidades tem de tirarem premios avultados. O systema é assás eugenioso, mas tão complicado que seria impossivel explicitar-o completamente.

Do mesmo modo se arremata o privilegio de abrir casas de jogo. O que mais usão em Macau é denominado *latao*: especie de banca portugueza, em que se fazem paradas sobre o numero um, dous, tres e quatro. Depois o banqueiro tira de um montão de sapecas uma porção ao acaso, e as vae separando rapidamente quatro a quatro. Os que apostarão no numero das que a final restão d'esta successiva subtracção ganhão a parada duplicada. N'isto leva a banca grande partido. Recebe apostas sobre tres numeros, e paga as de um só, ainda que duplicadas.

O jogo é severamente prohibido pelas leis do celestial imperio. Entretanto n'este ponto, como em muitos outros de utilidade e moral publica, são hoje letra morta. A corrupção penetrou ali em tudo, e em todos. Os costumes publicos affrontando a legislação, quasi transformarão o reino das flores (2) n'uma immensa casa de jogo.

Os Chins tem, desde o tempo immemorial, grande variedade de jogos, de dados e cartas, das quaes a forma e naipe differem dos da Europa. São mui apaixonados pelo xadrez, pelo jogo das damas, e pelo ganhar-perde em que o parceiro vencido é obrigado, em geral, a beber uma taça de aguardente. Tambem gostão muito de combates de gallos, codornizes, grillos e gafanhotos e fazem

tendo de mais um buraco quadrado no centro. Em França suscitou-se agora a idéa de imitar esta *chinoiserie* cunhando-se certa classe de dinheiro com um furo quadrado no centro, dizem que para diffcultar o cercamento da moeda.

(2) Os chins dão ao seu paiz as diferentes denominações de imperio celeste, reino do meio, nação central e reino das flores.

sobre isso apostas, as vezes, de grande quantia. Os jogadores de profissão, porem, preferem as cartas e os dados. Reunem-se em casas particulares, e n'outras publicas, que correspondem aos nossos botiquins, com a differença que só n'elles bebem chá. Passão ás vezes dias, e noutes inteiras, jogando sem cessar, e com tal furor, que nem tomão alimento. Quasi que não ha povoação nem aldeia sem casa de jogo e jogadores de profissão.

Os Chins, geralmente fallando, são economicos e laboriosos; mas o espirito de ambição, o desenfreado amor do ganho, e a decidida tendencia que tem para especulações e agiotagens, os arrastão á paixão do jogo, quando se não applicão ao commercio. Procurão com avidez as commoções fortes, que difficilmente abandonão uma vez experimentadas. Desprezão as obrigações do seu estado e os mais sagrados deveres de familia, para não viverem senão com os dados e as cartas. A paixão do jogo leva-os a incríveis extremos. O Chim depois de perder o dinheiro, joga a habitação, os campos, se os possui, e por fim a propria mulher, cujo desgraçado destino faz depender d'um lance de dados. E não para n'isto. Os vestidos que o cobrem servem ainda para mais uma parada, que, se é adversa, dá muitas vezes lugar a scenas horriveis e inacreditaveis, se se não soubera que o excesso das paixões é capaz de transformar o homem em fera.

Nas provincias do norte, e principalmente nas proximidades da grande muralha que separa a China da Tataria, ha invernos mui asperos: cobrem-se os campos de neve, e gelão os rios. Nesta estação, veem-se ás vezes, homens completamente nus, expulsos desapiadadamente das espeluncas de jogo, depois de terem perdido até o vestuario, que lhes arrancão logo. Os desgraçados correm como loucos em diferentes direcções, procurando pelo exercicio escapar aos effeitos do frio. Vão collar-se junto aos pannos das chaminés construidas, n'estes paizes, ao nivel do solo. Procurão aquecer o corpo, ora de um lado ora d'outro, e no entanto os seus companheiros de jogo os observão no meio de atrozes risadas. Tão cruel espectaculo não dura muito, porque estas victimas dos proprios vicios, e da bruta malvadez de seus semelhantes, brevemente acabão congeladas. Depois disto os jogadores voltão á espelunca, e continuão o jogo com a espantosa indifferença que os chins sempre mostrão pela vida de seus concidadãos.

Não parão aqui os horrores a que conduz a paixão do jogo entre este singularissimo povo. Os chins jogão até os membros do proprio corpo. Jogão os dedos da mão quando

não tem dinheiro ou outros valores. Estão frente a frente dous jogadores. Está sobre a mesa um vazo com oleo de nozes ou de sesamo, com fogo por baixo, e uma machadinha bem afiada. O que ganha toma pausadamente a mão do contrario, põe-n'a com muita cortezia sobre uma pedrapreparada para este fim, e decepa-lhe o dedo com a machadinha! Depois o amputado mette o coto no oleo a ferver, para cauterisar a ferida, e ás vezes continua a jogar com admiravel placidez. Tambem costumão pôr uma torcida embebida em oleo e acceza sobre alguma parte do corpo. Deixão queimar a carne, emquanto, reprimindo a dor jogão com serenidade ás taboas, ou especie de gamão. E' o sublime do genero. (3)

Serão incríveis taes actos de loucura produzido pela paixão do jogo, se não fossem attestados por viajantes e escriptores modernos dignos de todo o credito. Já viajantes arabes do seculo IX, encontrarão estes costumes na China, como se lê no livro arabe *Serie de chronicas* (4). Quem visita aquelle paiz, e observa as singularidades e aberrações do caracter de seus habitantes, não lhe causão estranheza nem incredulidade semelhantes narrativas.

O que por nós mesmos observamos, é que o jogo produz na China infinidades de desordens e desgraças sociaes.

E' frequentissimo ver familias numerosas cahirem de repente em profunda miseria, apoz uma partida de dados ou de cartas. Este vicio funesto tem invadido todas as classes e todas as idades; mas no baixo povo é que se acha mais inveterado. Nas ruas de Macau e nas de todas as cidades chinezas, encontrão-se a cada passo jogadores ambulantes, que com dous dados e um copo, ou antes uma chicara de louça, sobre uma tripega tentão os viandantes. Muitas vezes o desgraçado operario, attrahido irresistivelmente ali, perde acororado, até a ultima sapeca; e não é raro ver jogar crianças de 5 a 6 annos, que assim adquirem um vicio, que de ordinário não perdem mais em toda a vida.

(3) Na cirurgia chamão moxas aquella especie de torcidas. A palavra vem dos chins e japoñezes, que designão com ella um tecido que preparão macerando folhas seccas da *artemisia chinensis*. Com o parenchyma d'estas folhas fazem uma especie de cone, cujo vertice accendem, applicando a base á parte que querem cauterisar em certas molestias. Este cauterio está introduzido na Europa.

(4) Relation des voyages faits par les arabes et les persans dans l'Inde et à la Chine dans le IX siècle de l'ère chretienne, traduzido por Mr. Renaud. po Instituto de França.

Carta. (*)

Sr. Redactor da Abelha. — Ha dias falei a V. em mandar para o seu interessante jornal algumas observações minhas de Medicina, proposta que se dignou aceitar, e que agradeço cordialmente. De parte o seu valor como coisas minhas, que não é nenhum, entendo que em compensação pelo lado scientifico, se não forem de immediato proveito para o paiz, pelo menos servirão de incentivo aos meus collugas, a darem publicidade em jornaes scientificos ás suas observações e ás suas descobertas, unico meio de collocarem a Medicina aqui, apar da medicina na Europa.

Porque, devemos confessar, aqui ha capacidades medicas, e muitas, mas que se limitam á clinica rendosa, aos trabalhos cathedrauticos, etc.; e a sciencia fica em suas cabeças occulta, e occulta morre com elles!!

Em um paiz nascente, que procura por todos os meios nivelar-se com os paizes civilizados, com recursos naturaes superiores mesmo aos de mais paizes, com duas Academias Medicas e sem um jornal de medicina!! e o que mais é, dominado pelo peor fragello da sciencia e da humanidade! pelos falsos medicos, pelo charlatanismo em larga escala, que eiva toda esta terra abençoada por Deos, por um cancro que destróe todas as crenças, que adultera os sentimentos mais puros, que rouba a consciencia arreigada nos corações pelos sabios mestres: e isto tudo porque? pelo interesse vil, pela ambição desmedida do ouro.

Se algum dia alguem se encarregar de escrever a historia do paiz, que dirá da parte medica? o que encontrará em seus archivos? a morte de dois jornaes medicos ao nascerem, bastantes polemicas indecentes entre os systematicos teimosos e cegos, e uma chusma prodigiosa de annuncios de pilulas, e bolos, xaropes, gotas, misturas, chapas, ballas, cozimentos, etc., etc., etc.!! e as observações importantes, as descobertas as obras originaes?

Ficarei por aqui, porque temo enthusiasmar-me, e talhar sem querer uma carapuça.

Enviar-lhe-hei para o numero seguinte alguns factos medicos curiosos. Sou de V.

Attento.

Domingos José Bernordino d'Almeida.

Rio de Janeiro, 14 de Maio de 1856.

Hygiene publica.

Depois do necessario o util,
e por fim o agradável.

Não é nosso intento dar aos leitores uma lição d'esta parte importante da medicina, por que além de nos fallecerem os cabedaes scientificos precisos, pouco lucrarião com isso; é elle mais limitado, e reduz-se apenas a apontar ao Governo, que na pratica da Hygiene publica (o que muito falta neste paiz) achará elle realisado o pensamento da *epigraphe*, e por consequencia o engrandecimento do imperio, collocando-se elle com facilidade a par, em civilisação, com os paizes que de ha muito gosam d'essa prerogativa.

Esses paizes chegarão ao seu desideratum em luta com as maiores barreiras, em frente dos mais fortes escolhos, e difficuldades, inventando, modificando, reformando mesmo, depois de destruidos os seus inventes; e isto tudo á custa de avultados sacrificios monetarios, e de numerosos annos perdidos. E forão avante.

Ora nas actuaes circumstancias tendo o governo a fonte onde possa ir beber, as idéas discutidas pela sciencia, e sancionadas pela pratica, pouco lhe resta. E' examinar o reflexo vivo d'esse grande espelho instrutivo (desculpem a metaphora), estudal-o e reproduz-o; e para isso bastam só duas coisas: vontade e perseverança.

E já que entramos em materia, passaremos a apresentar as nossas idéas na maior simplicidade possivel, quanto em nossas forças couber. Vejamos primeiro o que compete á hygiene publica, em seguida o estado em que se acha o paiz, o que ha á fazer, e por ultimo o como se poderá executar isso que falta.

Eis-nos a braços com aquella que deveria ser, e não é, a arma predilecta dos homens d'estado, a hygiene, e não pareça esta asserção exagerada, pois encerra em si verdades irrefragaveis.

Se o governo é o pai adoptivo do seu povo, a quem compete senão a elle velar pela sua conservação, pela sua saúde, pela sua reprodução, pelo seu engrandecimento, e pela sua gloria? certamente que a ninguém mais. Sendo assim, onde irá elle buscar os meios, com que fazer a seus filhos felizes? Oh! todos dirão connosco, que á sciencia da conservação da saúde, á medicina preventiva, á hygiene: pois é ella, que se occupa da acclimação ou estudo da acção ou influencia sobre o organismo, do ar, luz, electricidade, natureza do solo, sua latitude... que se encarrega das subsistencias e aprovisionamentos, da salubridade propriamente dita, dos estabelecimentos reputados perigosos, isalubres ou incom-

(*) Por falta de espaço não sabio esta carta no antecedente.

modos, da tecnologia agrícola e industrial, da assistência pública, da estatística medica e da legislação sanitária. » (A. Tardieu).

O estado em que se acha o paiz é deploravel, encarado hygienicamente; se algumas medidas se tem tomado, e feito alguns melhoramentos, em geral são de valor muito secundario, enquanto que são desprezados os melhoramentos urgentes e de primeira necessidade. Ainda alguma cousa boa se tem feito, mas é nas bem fadadas cidades, que no interior está a natureza entregue a si mesma, e os habitantes ás suas influencias perniciosas; e o mesmo nas immediações das grandes povoações, cidades, e até da capital; veja-se o que vae de serra abaixo em redor d'esta magestosa bahia.

Despreza-se a canalisação dos rios, medida eminentemente proveitosa, pela qual se destruirião esses focos permanentes de insalubridade, os pantanos, mangues e paues infectos, facilitando as communicações, ampliando a area da cultivação, tornando até productivos terrenos desamparados e incultos, e chamando para essas localidades os habitantes, que d'ellas fogem actualmente para não succumbirem depois de definhados pelos estragos devidos ás molestias ali adquiridas.

Não se olha para o embaraço na circulação do ar, occasionado pelos morros, principalmente nas grandes cidades; o que só de per si é nocivo, quanto mais junto ás vezes a um calor humido, quasi permanente nas regiões intertropicaes.

A alimentação e aprovisionamentos são pouco fiscalizados nas grandes povoações, e nada nas pequenas; não se attendendo a qualidade da materia em que se preparão os comestiveis, queremos fallar dos utensilios de cobre e outras, de que usão por toda a parte, especialmente na preparação da mandioca e outras farinhas, vasos de cozinha etc.

Tem sido indifferente a escolha das melhores localidades na collocação das povoações, os arruamentos, as edificações, etc., por isso a maior parte das cidades e villas estão mal situadas, são pessimamente divididas, tem edificios em condições nada salubres, estabelecimentos perigosos, falta d'aqueductos geraes de limpeza publica, sem arterisação no interior, nas praças, passeios e ruas, quartéis insalubres, hospitaes mal collocados, e mal construidos etc.

O que ha a fazer? tudo quanto deixamos exposto acima. É preciso que o governo que se tem sempre mostrado essencialmente progressista, attenda a estas necessidades, se convença do quanto são proveitozas, e as ponha em vigor.

Não queira só o desenvolvimento material do seu filho adoptivo, e de seu paiz aben-

çoado, destrua primeiro as grandes causas deprimentes do organismo social, e verá o paiz florescer, a população augmentar pela affluencia de colonos, a geração vindoura tornar-se mais vigorosa, e mais facil a propagação.

Verá tambem estender-se e melhorar a agricultura, a industria aperfeiçoar-se, enfim tocar o paiz a méta da civilisação.

E como conseguir-se tudo isto? ! com vontade e perseverança. Mande estudar o paiz por engenheiros peritos; estes em resultado de seus estudos, que apresentem propostas dos melhoramentos a fazer; entregue essas propostas depois de maduramente pensadas a companhias que deem garantias, ás quaes deve fornecer engenheiros, utensilios, algum subsidio (se tanto for preciso), e exclusivos rasoaveis; e terá conseguido sem grande sacrificio o necessario para o paiz, a conservação, a felicidade e o engrandecimento de um povo.

Rio de Janeiro, 27 de Maio de 1856.

Domingos d'Almeida.

Raças principaes e criação de cavallos.

II

DO CRUSAMENTO.

Continuado.

Vamos entrar em algumas particularidades relativas aos cavallos inglezes para sabermos se convem preferir os á raça arabe, ou á outras inferiores orientaes no aperfeiçoamento dos outros nossos cavallos ligeiros e elegantes do meio-dia e principalmente do Limousin e do Auvergne.

A raça ingleza ainda que tenha muito sangue arabe tem certos caracteres especiaes que convem apreciar bem; pois que ella resulta dos cuidados que o homem lhe tem dado constantemente em um clima humido e nebuloso.

Os cavallos e egus arabes, sem meios artificiaes, não seriam por si sós sufficientes a dotar a Inglaterra dos rapidos corseis que pursue. Foi preciso excitar frequentemente por meio de fricções a transpiração cutanea dos cavallos que se forão obtendo da raça arabe, e que os cobrissem constantemente de lã desde a cabeça até os pés; que fossem mui bem alimentados na mais tenra idade para adquirirem corpulencia; que fossem exercitados em corridas, e submettidos a um regimen particular proprio a desenvolver-lhes o systema muscular, a diminuir-lhes a quantidade de gordura e de tecido

cellular, e a dar ás suas molas toda a intensidade de que são susceptíveis.

Foi preciso caminhar do experiencia em experiencia, e submeter os constantemente ás corridas, até para acharem prompta venda.

Debaixo da influencia das corridas foi portanto que se formou a raça ingleza de puro sangue. As corridas que se tornarão muito frequentes em Inglaterra, tem lugar em terrenos planos e cobertos de relva, fazem-se as mais das vezes em linha recta, são de pouca duração, e empregão-se n'ellas os poldros logo que chegam a idade de 3 annos. E como tudo se previo, cuidarão tambem de obter uma raça de homens pequenos e pouco pezádos, os jockeys; para os montar sem inconvenientes! De tudo isso resulta que a condição que mais se desejou obter na criação dos cavallos de puro sangue foi a extrema velocidade; e com effeito os cavallos inglezes tornão-se mais velozes que nenhuns outros cavallos, sem exceptuar os arabes; mas tambem raras vezes acontece que sejam tão fortes dos membros dianteiros, e tão seguros de montar e facéis de governar como os arabes, e outros cavallos do levante. Demais estragão-se muito pelos esforços que d'elles exigem quando são ainda muito tenros.

Os cavallos de sella do Limousin e do Auvergne tem em geral qualidades oppostas ás dos corredores inglezes, são muito menos velozes, tem o habito de uma maior sobriedade, e um crescimento menos rapido; seu merecimento principal consiste no vigor e na resistencia, juntos a uma grande segurança, e muito garbo nos seus movimentos. D'ahi se conclue que só com extraordinaria prudencia convirá derramar n'estas raças o sangue inglez.

Os principaes merecimentos dos cavallos inglezes não tem para o meio dia do nosso paiz o valor que tem para a Normandia.

A disposição que tem os cavallos inglezes a se formarem em pouco tempo, não pôde ser aproveitada pelos creadores do meio dia, sem que mudem seus habitos, por que nutrem os cavallos com muita parcimônia; e de mais o talhe consideravel dos cavallos inglezes e sua força só em poucos casos permitem o cruzamento com as eguas d'essas regiões, que em geral são pequenas.

E' um principio que se não deve esquecer que as boas raças não podem resultar de machos grandes, e fêmeas pequenas.

Em geral os productos d'esse cruzamento desproporcionado, tem má constituição. O feto fica opprimido na madre, o parto é difficil, e a amamentação nunca vem a ser sufficiente.

Os cavallos de que nos occupamos tem muito fogo, e as mais das vezes peccão pelo tamanho, por pouca amplitão do peito, e por terem os membros muito delgados. Estes de-

feitos devem desaparecer antes por melhor alimentação que por novos cruzamentos. Entretanto como muitos cavallos do meio dia não tem raça, poderia ser util melhora-los perseverando por bastante tempo em cruzamentos cuja utilidade fosse patente.

Os cavallos andaluzes não parecem apresentar-lhes vantagens na actualidade.

Esta raça está degenerada e nós não estimamos como antigamente os movimentos curtos e sacudidos. E' mais provavel que se obtenhão mais proficuos resultados dos cavallos do oriente. Citão-se alguns que passavão por arabes, que derão descendentes estimados. Por isso autores que possuem conhecimentos sobre os cavallos do meio-dia preferem aos arabes os mais puros de outras sub-raças orientaes, menos velozes talvez, menos nobres, menos fogozos, porem mais forçoses, e com musculos e ossos mais desenvolvidos.

III.

Da conservação das raças.

As raças de cavallos, como acabamos de ver, devem em muitas circumstancias conservar-se no seu estado de pureza.

E' só quando estão degeneradas, ou são inteiramente inferiores ás raças estrangeiras, que pôde convir modifica-las com o cruzamento. Para prevenir a degeneração das raças indigenas, como para obter-se bons resultados do cruzamento ha a attender á idade, á saúde e conformação dos cavallos e eguas, que se tem de reproduzir. Vamos entrar no exame d'essas particularidades.

E' opinião geralmente recebida que os cavallos e eguas nunca dão melhores productos senão quando tem chegado á idade adulta, ou quando não tendo excedido muito essa idade tem adquirido e ainda não perdido todas as forças que lhes dá a natureza. Este principio que parece simples e prudente, não é tão facil de applicar como parece a primeira vista. Qual é a idade adulta dos cavallos?

E' a época em que se tem completado a muda dos primeiros dentes? Em todas as raças a substituição d'estes dentes perfaz-se aos 5 annos. Devia-se admitir portanto que aos 5 annos todas as raças estão aptas á reprodução; mas os cavallos do norte e do oeste de França attingem de 3 annos e 1/2 aos 4 o seu maximo crescimento e vigor, em quanto que os do Limousin apenas lá chegam aos 6 annos, donde resulta que a idade propria á reprodução varia segundo as raças.

Costuma-se frequentemente antecipar a época do cobrimento das eguas. E' isto uma das mais poderosas causas da degeneração. A poldra que é fecundada aos 2 annos,

como se pratica muitas vezes, não tem ainda a exuberância de vida, que depois da concepção tem de dispensar para o utero, e lhe dá os meios de nutrir o novo ente. N'essa idade toda a actividade vital só lhe é sufficiente para o crescimento completo dos órgãos; e todos os materiaes assimilaveis fornecidos pela digestão apenas bastão a este desenvolvimento. Se por tanto, depois da fecundação, a força formadora, que se desenvolve no utero, vem desequilibrar esse movimento de nutrição, a mãe e o feto consomem materiaes que deverião servir apenas a um individuo; ambos soffrem, a mãe fica extenuada, e o poldro nasce fraco e debil.

A egua completamente desenvolvida e forte, dá os primeiros filhos tão vigorosos e grandes como os dará para diante; e só em razão dos partos prematuros, é que, com a maior parte dos autores, se póde explicar que nasção os primeiros menos fortes que os outros.

A esta primeira causa de degeneração das raças, devemos acrescentar ainda que as eguas novas, tendo a bacia pouco dilatada, parem com difficuldade, soffrem frequentemente e tem pouco leite.

O emprego dos machos muito novos é também uma das principaes causas de degeneração.

Por degeneração não queremos entender a diminuição do tamanho, mas antes um enfraquecimento da constituição e da bondade do temperamento. Os cultivadores flamengos empregão muito os poldros na reprodução, e nada indica que haja diminuição de volume ou corpulencia nos enormes cavallos que produz a Flandres; mas são extremamente molles e lymphaticos. Portanto sendo o temperamento berança dos dous pais importa para a conservação das raças não empregar na reprodução senão individuos que tenham todo o vigor da idade.

Segundo Bourgelat, só se deve permitir o cobrimento das eguas, quando tiverem attingido os 4 annos, se forem das raças communs, e os cinco se forem das finas e ligeiras, ao passo que só se deve empregar o cavallo de sella aos seis annos, e aos cinco annos o de tiro ou de carro. Em Inglaterra, com quanto os cavallos de sella, mais abundantemente e melhor nutridos que em França, se desenvolvão mais depressa, não são empregados no cobrimento senão depois da idade adulta, e alem disso devem ter-se distinguido nas corridas.

Acabamos de determinar a idade em que convem faser o lançamento dos cavallos. Vejamos agora, para se conservarem todas as qualidades de uma raça, qual o tempo durante o qual se deve permitir a reprodução.

Bourgelat con-tem que os cavallos tem con-

servados e que não se reproduzirão antes da idade madura podem servir por muito tempo; mas é sempre prudente, para não ter nas caudelarias máos potros, reformar os pais logo que começam a decahir. Póde-se citar, muitos exemplos de cavallos mui vellos dando muito bons productos. Aristoteles conta que vio um cavallo cobrir ainda aos 40 annos de idade. Nós vimos um garanhão, puro sangue, da caudalaria de M. Rieussec, dar productos admiraveis na idade a mais avançada. Quanto a idade da egua regulão os mesmos principios.

Para a conservação e melhoramento das qualidades de uma boa raça não basta escolher cavallos e eguas de idade conveniente, é preciso que a sua conformação seja rigorosamente tão boa, como comportão os recursos que se tem á disposição. Na escolhã que se deve faser, deve-se procurar as qualidades geraes que convem a todos os animaes, qual quer que seja o serviço a que são destinados, como por exemplo a amplidão do peito, que é um indicio de força e de resistencia ás longas fadigas; a solidez dos membros, geralmente expressa pelo grande desenvolvimento das articulações, e pela boa conformação dos pés; a bondade do temperamento que se acha por assim dizer traduzida pela flexibilidade e pouca espessura da pelle que desenha bem os musculos, e os ossos; a fineza das clinas, o pouco desenvolvimento do tecido cellular. Depois destas qualidades que devem ter todos os cavallos destinados aos trabalhos rapidos e tanto quanto fór possível os destinados aos pesados, deverão então procurar-se outras que se harmonisem melhor, e estejão mais em relação com o genero de serviço que se pretende obter. Quer-se cavallos para carga pesada? procurem-se os reproductores entre os mais musculosos, que se approximem o mais possível do typo proprio. Quer-se cavallos de posta, de diligencia? procurem-se as formas que annuncião melhor o vigor e a velocidade. Quer-se cavallos de corrida? tenha-se attenção á capacidade do peito não mediando-o pela largura, mas pela altura e comprimento; á obliquidade da espada, ao comprimento dos ante-braços e das pernas. Quer-se enfim cavallos de sella proprios á picaria? attenda-se ao comprimento da columna vertebral, das pernas, dos travadores e dos ante-braços.

Por mais aperfeiçoada que seja uma raça póde-se admittir que todos os individuos que a compõe, peccão sem excepção por defeitos variaveis, mais ou menos sensiveis, que se podem tornar consideraveis, e característicos d'essa raça, se se ajuntarem individuos que, no mais alto grão, possuirem os mesmos defeitos, em quanto que elles tendem a diminuir ou desaparecer, se se tiver o cuidado de ajun-

tar cavallos e eguas de modo que fiquem contrabalançados os defeitos de uns pelas qualidades oppostas das outras.

Se a raça que se quer conservar e melhorar pecca por algum defeito na cabeça, por ventas estreitas, e olhos pequenos, escolhão-se pais que tenham a cabeça bem conformada, as ventas bem abertas e os olhos e palpébras bem proporcionados. Se as eguas tem as juntas das espadoas pouco salientes, o corpo longo e o pescoço fino, dá-se-lhes um garanhão cujas juntas das espadoas sejam bem salientes, corpo um tanto curto, e pescoço musculoso. O mesmo se deve observar a respeito de todos os defeitos que se quizer faser desaparecer.

Não é pretendendo faser desaparecer ao mesmo tempo todos os defeitos; de uma raça que se consegue melhora-la; concebe-se bem que é impossivel pader sempre ajuntar individuos que apresentem um contraste exacto entre suas bellas e defeitos e procurando fazel-o, não se consegue resultado algum. Deve-se tratar do defeito dominante e não cuidar de outro se não quando aquelle tiver desaparecido. Procedendo assim tem conseguido os inglezes as melhores raças de animaes domesticos.

Deve-se notar que nos cavallos ha duas especies de bellas: bellas de convenção dependentes da moda e caprichos dos amadores, e bellas essenciaes, por que são um indicio da bondade dos animaes; e bem que se não deya desprezar as primeiras, convem muito procurar obter aquellas que annunciação quasi infallivelmente vigor e constituição robusta.

Continua.

Envenenamento pelos vapores da terebenthina.

Ninguem ignora quanto é perigoso habitar uma casa cujas pinturas não estão ainda completamente secas. O envenenamento seguido dos mais graves accidentes, e mesmo da morte pôde ser o resultado de semelhante imprudencia.

Até agora attribui-se a causa do mal ao carbonato de chumbo (ceruse) ou aos outros compostos saturninos, que entram na preparação das tintas, e os envenenados eram tratados como os desgraçados operarios dizimados pela colica de chumbo.

O Sr. Marchal (de Calvi) não é d'essa opinião e julgando que o carbonato de chumbo é fixo nas tintas de que forma a base, suppõe ser a terebenthina só que produz todos os accidentes toxicos.

Essa convicção obteve elle em consequencia de observações que fez em sua pratica medi-

ca, e que apresentou á Academia das sciencias em uma memoria, cujas conclusões são as seguintes.

1.º A cerusa em nada entra nos accidentes que podem resultar da habitação em aposentos pintados de fresco.

2.º O perigo é o mesmo, quer a base da pintura seja o branco de chumbo, quer o branco de zinco.

3.º Ha perigo de envenenamento enquanto a pintura não está completamente secca, e o melhor é não habitar aposento algum sem que tenha desaparecido todo o cheiro da essencia de terebenthina.

5.º O envenenamento pela terebenthina entra na cathgoria dos envenenamentos pelas emanções das flores.

Illustração Fr.

Jorge Stephenson.

A 12 de agosto de 1849 falleceu no seu estabelecimento do condado de Derby em Inglaterra, o celebre engenheiro inglez Jorge Stephenson, que teve a gloria de construir, o primeiro, com bom exito as machinas de vapor para os caminhos de ferro.

Jorge Stephenson tinha nascido em Wylam, aldeia situada nas margens do Tyne, distante nove milhas de Newcastle, em abril de 1801. Seu pai, simples operario das minas de carvão de pedra de Wylam, não pôde dar-lhe educação alguma. Em vez de ir ás escholae, a necessidade obrigou-o logo desde a mais tenra infancia a trabalhar para ganhar a vida. Das minas de Wylam passou aos dezito annos para os de Killingworth, que então pertencião a lord Ravensworth, onde foi residir, e esposou um pouco depois sua primeira mulher, da qual teve um unico filho, que é o celebre engenheiro em chefe da companhia de Londres e do Noroeste, Roberto Stephenson, actualmente membro da camara dos communs.

Foi durante a sua estada em Killingworth, que apparecerão as suas primeiras disposições para a mechanica. Tendo-se-lhe quebrado o relógio, concebeu o projecto de o concertar e conseguiu-o. Dahi por diante ficou sendo por assim dizer o relojoeiro da aldeia. Todas as suas horas de descanso eram dadas ao arranjo e concertos dos relógios.

Uma das machinas da mina que servia ao esgotamento das aguas repentinamente cessou de as extrahir.

Nenhum dos empregados e engenheiros pôde descobrir a causa por que a machina não trabalhava. Stephenson examinou-a, pediu e obteve a permissão da a concertar; o que

alcançou em breves dias, accrescentando-lhe ainda melhoramentos importantes. Os proprietários da mina para o recompensarem o elevaram de simples operário a engenheiro, e o encarregaram de vigiar por aquella machina uma das mais importantes.

Não deixando nunca de satisfazer as suas novas e mais serias occupações, o seu espirito investigador pôde imaginar e descobrir a lanterna de segurança ao mesmo tempo que o celebre chimico Sir. Humphry Davy. No proprio dia 21 de outubro de 1815, em que pela primeira vez se fazia a experiencia d'esta sua lanterna de segurança recebeu o reverendo John Hodgson uma carta do seu amigo Sir Humphry Davy em que lhe dava parte de haver descoberto a lanterna de segurança.

Em 1818, uma subscrição, que produziu mil libras esterlinas foi offerecida a Jorge Stephenson, bem como uma peça de prata, as quaes lhe forão entregues no fim de um esplendido jantar dado em sua honra, em Newcastle.

D'esta epoca em diante Stephenson dedicou-se quasi exclusivamente ao problema, cuja solução immortalizará seu nome.

Em 1804 a machina de Trevethick e Vivian puchava as carruagens para Merthyr-Igddil com uma velocidade de cinco milhas por hora: em 1811 e 1812, Blenkinsop e Chapman construíram uma nova machina, que não andou. Já em 1814 antes da sua descoberta da lanterna de segurança, Stephenson tinha construido uma machina d'estas para as minas de Killingworth, que foi empregada no caminho de ferro da companhia, que elle substituiu pouco depois por outra, que lhe era superior, e conforme o pedido do primeiro engenheiro d'aquelle caminho.

Esses trabalhos erão apenas tentativas. Dez annos ainda havião de passar antes que uma verdadeira locomotiva, semelhante ás que hoje servem, porém mais imperfeita, rodasse nos caminhos de ferro. Esta grande revolução, cujas consequencias tem sido tão grandiosas, e de que a mais atrevida imaginação não poderia prever os resultados futuros deve-a a Inglaterra ou por melhor dizer o mundo inteiro a Jorge Stephenson.

Em 1814 fundou este celebre engenheiro em Newcastle, juntamente com os machinistas Pease, Londridge e seu filho, um vasto estabelecimento para construcção das machinas de vapor, que existe e prospera ainda hoje sob a firma: Robert Stephenson e companhia. Foi n'este estabelecimento que se construiu a primeira locomotiva, que servio para transportar commodamente sobre os caminhos de ferro os passageiros e as mercadorias.

Stephenson foi ao mesmo tempo o inventor e o construtor.

Em 1825 teve a fortuna de a ver trabalhar com pleno exito no caminho de ferro entre Stokton e Darlington.

A pesar d'estas vantagens Stephenson não se atrevia a proclamar alto todas as esperanças que havia concebido, com receio de que o reputassem louco. Aos seus amigos dizia que esperava conseguir uma velocidade de 20 milhas por hora, ao mesmo passo que imaginava uma velocidade ainda maior de 50 a 100 milhas.

Em 1848 Jorge Stephenson, em um discurso, em Newcastle n'um jantar publicodizia:

« Em Liverpool eu me obriguei a alcançar uma velocidade de 10 milhas por hora; não duvidando contudo de poder obter ainda maior velocidade. Exprimia-me assim perante uma comissão de inquerito nomeada pelo parlamento. Alguns dos da commissão perguntarão se eu era estrangeiro, e um desejou saber dos seus collegas se eu tinha perdido a razão. Não deixei contudo de persistir nos meus projectos, e sahi levando os meus desenhos decidido a pô-los em execução. »

A reputação de Stephenson não data contudo se não de 1823. Antes da edificação do caminho de ferro de Liverpool e Manchester era apenas conhecido de seus freguezes, porém tendo os directores d'este caminho de ferro aberto um concurso para a construcção de uma machina de vapor, que lhes servisse de modelo, Jorge Stephenson ganhou o premio de 500 libras com a sua machina de vapor, o *Rocket*. D'este concurso proveio a sua gloria e a sua fortuna. Uma grande parte dos directores dos caminhos de ferro, quer da Inglaterra quer do continente, o encarregaram da construcção das suas locomotivas que elle sempre satisfaz com toda perfeição.

Jorge Stephenson vivia rico e respeitado de todos no seó estabelecimento do condado de Derby, quando a morte o roubou ás artes e á sua patria aos 68 annos de idade.

Moniteur industriel

Dialogo entre um Indifferentista que quer suicidar-se, e um homem religioso.

I. « O vosso comportamento para comigo, depois que a desgraça me ferio com seus golpes reiterados, me indica que estaes persuadido de que pretendo suicidar-me; e não esperéis que eu negue ou que eu confesse: mas é isso alguma cousa nova no mundo para dever espantar-vos? »

R. « Infelizmente não é cousa nova no mundo, nem ha nada debaixo do sol que o seja; porém quem pôde duvidar de que o suicidio seja um crime d'uma responsabilidade immensa, de uma immensa atrocidade? Ah! estão os codigos de nações civilisadas fulminando penas contra elles, os escriptos dos moralistas e dos philosophos condemnando-o. »

I. « Essas penas são absurdas por impotentes, e esses escriptos forão feitos por homens que nunca se virão nas crises em que se achirão aquelles que buscarão na morte o remedio aos seus males. »

R. « As penas teem desconcertado muitos projectos de semelhante natureza; e o serem aquelles trabalhos feitos por homens que não se virão em taes crises, importa o mesmo que dizer que o forão por homens desapaixonados, e não pelos infelizes a quem a cegueira das paixões allucinava. »

I. « Quando um vestido nos encommoda, é-nos licito depô-lo para cessar a oppressão que nos causa. »

R. « Comparaes vós a vida com um vestido? Não tem ella a vossos olhos uma maior importancia? »

I. « Eu sou tão senhor da minha vida, como sou d'esta vestidura que me cobre e me preserva do frio. A differença do que valem é inatendivel, quando o meu dominio é igual. »

R. « Mas essa igualdade a que vós recorreis, não existe. Vós tendes o pleno dominio dos vossos vestidos e não o tendes da vossa vida. D'ella não sois mais que um depositario para os fins da Providencia; e o depositario que destroe o deposito que se lhe confia, é criminoso. Um homem celebra, de quem vós tendes sido um dos maiores admiradores, comparava o suicida ao soldado, que abandonava covardemente o campo da batalha antes de ter vencido. »

I. « Seja o que for, a vida me está sendo pesada, e ninguém tem obrigação de viver contra a sua vontade. »

R. « Até aqui a questão era generica. Pelo que acabais de dizer, ella agora não pôde deixar de ser-vos pessoal. Que importa que a vida vos seja pesada, se vós sem commetterdes um grande attentado, não podeis regeitar esse peso? Bem o maior dos absurdos que o homem podesse destruir em si a obra de Deus. Ao author da vida é que pertence prolongal-a ou abrevial-a. Nós temos obrigação de viver, assim como necessidade de morrer, segundo a sua vontade, e não segundo a nossa. Deus não nos lançou no mundo ao acaso, mas para fins, uns dos quaes nós sabemos, e outros ignoramos. E em vós estes fins estão já todos preenchidos? Não tendes ainda al-

gum serviço a prestar, alguma obrigação a satisfazer? »

« E donde vem a desesperação, que tão fortemente se apoderou de vós? Sem que m'o digais, eu conheço, ou pelo menos tenho sufficiente fundamento para o suspeitar. Um rei privou-vos da sua confiança, um processo privou-vos dos vossos bens, e alguns amigos abandonarão-vos. Mas quem vos assegura que não virá um governo emendar os erros de outro governo? Quem vos impossibilita de viver do fructo de um modico trabalho, n'um paiz onde as letras valem tanto? ou vos tolhe a esperanza de restabelecer a vossa fortuna por alguns dos meios que a Providencia sabe extrahir de seus inexauriveis thesours? Deos quiz punir-vos e não perder-vos. A vossa indiferença, as vossas faltas irritarão-n'o. Um procedimento, contrario ao que para com elle haveis tido, o applicará. Elle levanta os humildes com a mesma facilidade com que abate os soberbos. Quando a providencia quer exaltar um homem ou abatel-o as azas de um insecto bastão para o elevar, e um grão de poeira para o derribar. »

« Quantos reis teem descido dos thronos, e quantos particulares teem subido a elles, porque é sua vontade que uns reinem, e outros cessem de reinar? Quantas pessoas teem adormecido ricas e teem despertado pobres? ou se teem deitado pobres e levantado ricos? Os amigos! Vós estaveis persuadido de que tinheis muitos, esquecendo-vos de que aquelle que conta grande numero de amigos, não tem nenhum. A sua desercção vos trouxe uma vantagem, a de distinguir os verdadeiros dos falsos. »

I. « Mas a morte é uma dívida que nós todos temos de pagar: e qual é o credor que leva a mal ao seu devedor o antecipar-lhe o pagamento? »

R. « Qual é o credor? Aquelle que determinou que a epocha do pagamento seria sempre dependente do seu arbitrio, e nunca do arbitrio do devedor. Quanto mais que o homem é menos um devedor no sentido em que fallaes, que um captiveiro sentenciado a morrer: e elle não pôde estender nem abreviar o tempo da execução da sentença, mas deve resignar-se e aproveitar o espaço que o Supremo Juiz lhe deixa para preparar-se. »

I. « Fez aquelle que, contentando-se com a mediocridade, nunca subio ao cume das grandezas. O que abisubio, e d'ahi foi precipitado, é um fraco se teima em continuar a viver. »

R. « Ha maior força em soffrer com paciencia a adversidade, que em procurar pôr-lhe termo com a morte. Ou, para fallar mais propriamente, o suicidio é sempre o crime

dos fracos. Que coragem tem aquelle que trema diante de um revez da fortuna ? »

« Elle, além de fraco, é o mais inconsequente dos homens. Não pôde lutar com o tempo, e affronta a eternidade ! »

I. « Essa idéa tem combatido a minha resolução, mas não a tem vencido. Que pretendo eu fazer senão livrar-me de um mal certo, expondo-me a um mal duvidoso ? »

R. « Quando o mal duvidoso é muito maior do que o mal certo, nós não devemos livrar-nos d'este, expondo-nos áquelle. Porém vós não intentaes livrar-vos de um mal certo; desesperaes da vossa sorte, e a vossa sorte não é desesperada. Ella pôde mudar, ella pôde tomar uma face risonha, ella pôde converter-se em felicidade. O que não é duvidoso, o que tem caracter de absoluta certeza, é o mal a que vós ides voluntariamente expôr-vos; é a desgraça, é a eterna condemnação, que ides promover. »

« I. Se Deos é infinitamente bom como é crível que elle me condemne por um facto que não o offende, e não offende a ninguém ? »

R. « Deus é infinitamente bom, mas também é infinitamente justo. E como vos lembraes vós de que não o offendeis transgredindo os seus mandamentos ? Como não offendeis a ninguém, privando a sociedade do que lhe deveis ? »

« Mas supponhamos que era incerto o que Deos disporia de vós, apresentando-vos, por assim o queredes, no Seu Tribunal, banhado no proprio sangue : não irieis vós correr um grande risco ? não vos exporieis a um terrível, immenso perigo ? e a idéa desse perigo não vos assusta ? »

« O atheo suicidando-se, pensa que vai bater ás portas do nada, e as que lhe abrem são as da eternidade ! mas vós que credes em Deos, a que portas pensaes que ides bater ? »

« Geralmente se diz que, para attentar contra a propria vida é necessario ser atheo, ou ser louco. O atheo imagina que não será julgado, o louco não sabe o que faz : mas vós, que não ignoraes que haveis de comparecer no Tribunal Divino, que defêza podeis ahí produzir, que vos releve de haver contraído as vistas e os decretos da Providencia ? vós que tendes não só o senso commum, mas uma razão cultivada, como podeis allegar que não sabeis o que fazeis ? »

« Entre dois males, um limitado, outro illimitado, um temporario outro eterno, vós optais por este, para evitar aquelle. O calculo não pôde ser mais errado. »

« Qual seria o enfermo que, para se ver livre de seus padecimentos actuaes, se fosse lançar n'uma fôrnalha abrazadora para ahí arder, e arder não por alguns instantes, mas

por uma serie interminavel de annos e de seculos ? Pois o que o enfermo mais infeliz e mais insoffrido não faria, é o que vós farieis suicidando-vos. »

« Oh ! não considereis só o presente. Contemplai o futuro. Não olheis só para os bens e para os males d'esta vida : olhae principalmente para os da outra. Os d'esta paixão, teem mais cedo ou mais tarde um termo. Os da outra não terminaráo nunca. A nossa patria não é senão o céu; para ahí chegarmos, é necessario não esmorecer nos combates, nem desesperar na carreira. Vivei, resignai-vos : porém não procureis a resignação senão nos thesouros da religião. »

José Joaquim Rodrigues Bastos.

Extr.

A Cara de Pedra.

LENDA AMERICANA.

(Continuação).

Passarão-se ainda muitos annos rapida e tranquillamente. Ernesto que continuava a habitar o vallo em que nascera, tinha chegado á idade madura, e imperceptivelmente havia adquirido entre seus concidadãos uma certa reputação. Como d'antes trabalhava para ganhar o pão de cada dia, e sempre com a mesma simplicidade de coração; mas havia meditado tanto e experimentado tanto, e consagrado tão grande numero das melhores horas da sua vida á sublime esperança de um grande bem á humanidade, que parecia haver conversado com os anjos, e adquirido, sem o pensar, n'essas conversações parte da sabedoria d'elles. Não se passava um só dia sem que os que tratavão com elle se tornassem melhores; e por mais humilde que fosse sua vida, e que nunca se afastasse do seu caminho, tinha sempre alguma cousa a dizer ao seu visinho. Quasi involuntariamente tinha-se tornado pregador. A pura e nobre simplicidade de seu pensamento, que se manifestava muitas vezes pelas boas obras que semeavão suas mãos em silencio, manava também de seus discursos. Disia verdades uteis aos que o ouvião, e essas verdades mudavão pouco a pouco a maneira de viver dos seus ouvintes, que nunca suspeitavão que seu amigo fosse mais que um homem ordinario. Ernesto ainda o suspeitava menos que os outros, bem que de seus labios sahissem naturalmente, como o doce murmúrio de um pequeno regato, pensamentos que ne-

nhuma bocca de homem tinha ainda pronunciado.

Acalmada a excitação do povo, não tardarão a reconhecer que se haviam enganado, imaginando semelhanças entre o ar feroz do general, e o amavel semblante da montanha. Mas espalhou-se de novo, e os jornaes repelirão muitas vezes, que havia apparecido o retrato da cara de pedra sobre os hombros de um homem d'estado emiunente, que, como Amassor e o velho Sangue e Trovão, tendo nascido no valle e o deixado cedo abraçara a carreira da politica. Em vez da fortuna do rico e da espada do guerreiro tinha uma lingua, mais poderosa que a espada e a fortuna d'elles reunidas. Sua eloquencia era tão maravilhosa, que obrigava os ouvintes a acreditar tudo quanto dizia. O injusto na sua bocca parecia justo, e o justo injusto, o branco negro e o negro branco. Essa lingua era verdadeiramente um instrumento magico; ora retumbava como o trovão, ora produzia sons tão doces como a mais suave musica; ora representava um hymno de guerra, ora um canto de paz. As palavras parecião vir-lhe do coração, com quanto não fosse assim. Emfim era um homem espantoso; e depois que essa lingua lhe proporcionou as maiores vantagens, depois que se fez ouvir nos conselhos, na corte dos principes e dos potentados, depois que o tornou celebre por todo o mundo, ainda persuadio a seus compatriotas que o elevassem á presidencia. Antes d'essa epoca e ainda no começo de sua celebridade seus admiradores achirão que elle se parecia com a cara de pedra, e de tal sorte se persuadirão d'isso que por todo o paiz começaram a chamar o distincto personagem o *Velho cara de pedra*. Esse appellido deu um impulso muito favoravel aos seus projectos, por que assim como para atingir a uara, nunca se chega á presidencia sem mudar de nome.

Enquanto seus amigos empregavão todos os esforços para o elevarem á presidencia, o Velho cara de pedra quiz vizitar o valle em que nascera. As vistas do grande homem consistião apenas em querer apertar a mão de seus patricios e nem mesmo sonhava na influencia que essa viagem poderia ter na sua eleição. Fizerão-se magnificos preparativos para o receber; muitos cavalleiros forão esperal-o ao limite do Estado, e todos os habitantes abandonarão seus trabalhos e reunirão-se ao longo da estrada para o verem passar. Entre elles achava-se Ernesto. Ainda que por mais de uma vez illudido, como temos visto, era dotado de um caracter tão cheio de esperanza e fé, que estava sempre prompto a crer tudo quanto parecia bello e bom. Seu coração expandia-se para acolher na sua chegada ao bomfeiter enviado pelo céu.

A cavalgada voltou altiva, e os cavallos fazião tal barulho, e levantavão uma nuvem de pó tão espessa que o retrato da montanha passou sem ser visto por Ernesto. Todas as illustrações das cercanias, os officiaes de milicias com seus uniformes, o membro do congresso, o sheriff do condado, os redactores dos jornaes, e grande numero de rendeiros vestidos com seus habitos domingueiros formavão o cortejo. Foi realmente um brilhante espectáculo esse, tanto mais quanto d'entre a multidão desenrolavão-se numerosas bandeiras, muitas das quaes apresentavão magnificos retratos do illustre homem d'estado e da cara de pedra, sorrindo-se como dois irmãos. A dar credito a esses retratos não podia ser maior a semelhança. Não devemos esquecer uma banda de musica, cujos hymnos triumphaes erão repetidos pelos echos das montanhas. As collinas e os valles retinirão as alegres melodias, como se todos os recantos do paiz em que nascera o distincto hospede tivessem voses para celebrar a sua chegada. Porém nada se pôde comparar com o effeito prodigioso produzido pela vertente abrupta da grande montanha quando reflectio os sons dos instrumentos; parecia que a cara de pedra repetia essas harmonias de triumpho para celebrar tambem a chegada do homem da profecia.

O povo arremessava ao ar os chapéos, e gritava com tão contagioso enthusiasmo que o coração de Ernesto ficou tambem abraçado. Elle mesmo atirou aos ares o chapéo, e gritou com voz tão forte como os maiores entusiastas: viva o velho cara de pedra! Viva o grande homem! com quanto ainda não o tivesse podido ver.

— Eil-o! eil-o! — exclamarão os vizinhos de Ernesto, olhai primeiro para o velho cara de pedra, e depois para o velho da montanha, quem não os julgaria gemeos!

No meio d'esse brilhante cortejo caminhava puchado por quatro cavallos brancos um carro de coberto, no qual se via o Velho Cara de pedra, o homem d'estado, sem chapéo na cabeça.

— Haveis de confessar agora, disse um dos vizinhos de Ernesto, que enfim a grande cara da montanha achou seu semelhante.

Ora devemos confessar que a primeira vista Ernesto achou uma semelhança entre a verdadeira cara de pedra e a do homem que se sorria e saudava o povo de dentro do carro. Sua fronte, e todas as outras feições erão franca e ousadamente desenhadas por um modelo mais que heroico, por um modelo lita-

nico. Mas esse ar magestoso e sublime, essa nóbre expressão de sympathia divina, que illuminava a cara da montanha e espiritualisava o duro granito, em vão se procurava no homem d'estado. Alguma cousa tinha desaparecido, ou havia sempre faltado na fisionomia d'elle; notava-se-lhe um não sei que de sombrio, e fatigante nas profundas orbitas dos olhos. Parecia um homem de poderosas faculdades que prosegue um fim ridiculo, e cuja vida, apesar de grandes trabalhos, é vasia e vã; por que nunca se occupou de projecto algum elevado.

Entretanto os vizinhos de Ernesto tocavam-lhe com o cotovelo, impacientes por uma resposta.

— Dizei, dizei, não é o verdadeiro retrato do vosso velho da montanha?

— Não! — respondeu bruscamente Ernesto — acho-lhe quasi nenhuma ou antes nenhuma semelhança.

— Então tanto peor para a grande cara de pedra! — replicou um vizinho, que se poz a dar grandes berros em honra do grande homem.

Quanto a Ernesto retirava-se triste e quasi desanimado; porque nenhuma das suas illuções tinha sido maior do que esta, porque via um homem que tendo podido realisar a profecia, o não tinha querido. Entretanto a cavalgada, as bandeiras, a musica, e o carro tinham desfilado diante d'elle seguidos da multidão entusiasmada. As nuvens de pó haviam-se dissipado, e a grande cara de pedra apparecia de novo com aquelle ar de nobreza que lhe era natural ha tantos seculos.

— Eis-me aqui, Ernesto! — parecia-lhe dizer essa bocca cheia de mansidão, — tenho esperado mais que tu e ainda não estou cansada. Não receies, o homem ha de vir.

Precipitarão-se os annos tão velozmente como se caminhassem no encalço uns dos outros. E já começava a semear-se de cabellos brancos a cabeça de Ernesto, rugas veneraveis tracavam-se-lhe na fronte, e sulcos profundos cavavam-lhe as faces. Chegara a velhice, mas não em vão; erão-lhe mais numerosos no espirito os sabios pensamentos que os cabellos brancos na cabeça; as rugas erão as inscripções das sabias legendas gravadas pelo tempo, fructos de uma longa vida de de experiencia. Ernesto dextera de viver obscuro. Sem a procurar ou desejar havia-lhe chegado a fama a quem tantos outros perseguem; ella tinha-o feito conhecido alem dos limites do valle, em que tinha vivido tão tranquillo.

Sabios professores e mesmo os cidadãos activos das grandes cidades vinhão de longe vel-o e conversar com elle; porque havia-se espalhado ao longe que esse simples lavrador tinha idéas diversas das dos outros homens, idéas que não adquirira nos livros, mas em fontes muito mais preciosas. Transluzia n'elle uma magestade calma e affavel, como se todos os dias conversasse familiarmente com os anjos. Ernesto recebia todas essas visitas de sabios, de homens de estado, de philanthropos com a placida sinceridade que o caracterisava desde a infancia, e conversava com elles livremente ácerca de todas as cousas que existião á superficie ou nas maiores profundezas de seu coração. Durante as suas conversas com esses homens, o semblante abrasava-se-lhe muitas vezes sem que se apercebesse, expandindo sobre elles esse reflexo que então adquiria. Os hospedes despedião-se d'elle e iam meditar sobre os sabios pensamentos que tinham ouvido; e quando deixando o valle paravam para contemplar a cara de pedra, imaginavão ter visto as feições d'ella em um rosto de homem, sem poderem lembrar-se qual fosse.

Entretanto a Providencia cheia de bondade tinha dado a essa terra um novo poeta. Era tambem um filho do valle, mas que tinha passado a maior parte da vida longe d'essa pittoresca região; derramando suas doces harmonias no meio do arruido e barulho das cidades. Portanto os picos cobertos de neve das montanhas, que tinham sido familiares a sua infancia, elevavão-se muitas vezes no meio da pura atmosphera de suas poesias. Nem a grande cara de pedra tinha sido esquecida; o poeta tinha-a celebrado em uma das suas mais sublimes odes. Podemos asseverar que esse homem de genio tinha sido dotado pelo céo de faculdades admiraveis. Quando o objecto de seus cantos era uma montanha, os olhos dos outros homens descobrião n'ella, contemplando as suas vertentes, ou elevandó-se até o seu cimo, uma grandeza mais sublime do que d'antes. Se era um lago encantador, sua superficie cobria-se para sempre de um sorriso celeste. Se cantava a immensidade do oceano, as ondas parecião elevar-se mais alto com as emoções produzidas por seus versos. No momento, em que o poeta lançava a vista sobre qualquer parte do universo, ella revestia-se de novo e mais agradável aspecto. Esse homem parecia ter sabido das mãos do Creador como a derradeira e a mais bella das suas obras. A criação tinha-se completado no dia em que elle nascera para interpretar-a, avivando as suas perfeições.

Nem menor, nem menos bello era o effeito quando seus versos tinham por objecto a seus

irmãos. O homem, e a mulher, que cobertos do pó da vida, percorrião seu caminho, ou a criança que brincava rolando-se pelo chão, erão glorificados, se elle os apercebesse em um dos momentos da sua fé poetica. Revelava então os aneis de ouro da grande cadeia que os prendia á familia dos anjos, e fazia sobresahir as feições occultas da origem celeste que os tornava dignos d'esse parentesco. Havia todavia alguns individuos que pretendião provar a rectidão de seus juizos, sustentando que toda a belleza e magestade d'este mundo existião apenas na imaginação do poeta. Guardem esses homens seus pensamentos para si sós; a natureza produziu-os sem duvida em horas de amargura e despreso; fabricou-os do barro refugado depois de ter produzido os mais vis animaes. Em summa o ideal do poeta era apropriada verdade.

Os cantos d'esse poeta chegarão a ser conhecidos de Ernesto, que os lia, depois dos seus trabalhos quotidianos, sentado no banco que tinha á porta da cabana, onde por tanto tempo descansando contemplara a grande cara de pedra. E então quando lia alguns versos que lhe fazião estremecer a alma, levantava os olhos para essas grandiosas feições que irradiavão com tanta bondade sobre elle.

— Oh! magestoso amigo — murmurava — não será este homem digno de se parecer comtigo?

A cara parecia sorrir-se, mas não respondia.

Ora aconteceu que o poeta, ainda que vivesse bem longe, ouvisse não só fallar de Ernesto, como também pensasse n'elle de tal sorte que nada desejava mais do que ver a esse homem, cuja vida simples e pura tanto se accordava com a sabedoria de seus discursos. Por isso em uma manhã de estio tomando um lugar no comboi do caminho de ferro desembarcou á noitinha perto da cabana de Ernesto. O grande *hotel*, antigamente palacio de Amador, estava muito perto da estação, mas o poeta conduzindo mesmo nas suas proprias mãos o seu sacco de viagem informou-se logo da habitação de Ernesto, resolvido a ser seu hospede.

Encontrou o bom velho á porta com um livro na mão, contemplando com amor a cara de pedra, depois de ter lido uma das mais bellas estrophes.

— Boa tarde — disse o poeta. — Podeis hospedar por esta noite um viajante?

— De muito boa vontade — respondeu-lhe Ernesto, que accrescentou sorrindo-se. — Pa-

rece-me que nunca vi a cara de pedra contemplar um estranho com tamanha benevolencia.

Logo que o poeta sentou-se no banco a par d'elle, começaram a conversar. O poeta tinha tratado com os homens mais chistosos e mais sabios, mas nunca com quem se exprimisse mais natural e livremente, pois que bastava-lhe emittir uma verdade para tornal-a logo intelligivel e familiar. Como tantas vezes temos dito o poeta também pensou que os anjos parecião ter trabalhado com Ernesto no campo, e conversado com elle no canto da lareira; pois que só vivendo intimamente com elles podia ter-se compenetrado tanto das suas idéas sublimes, revestindo-as do doce encanto da mais humilde simplicidade. Por outro lado Ernesto estava commovido das vivas imagens que, sahindo do espirito do poeta, povoavão os arredores da sua cabana de tão bellas cores, serias e o mesmo tempo alegres. A sympathia que existia entre estes dois homens inspirava-lhes uma sabedoria tão profunda que nunca elles a conhecerião sós. Seus espiritos afinavão-se pelo mesmo tom, e produzião depois uma deliciosa harmonia, cujo auctor não poderia dizer-se nenhum d'elles, nem reconhecer ao menos a parte com que contribuíra. Pouco a pouco forão-se internando por um labyrintho de idéas tão remoto e solitario, que lá nunca poderião ter penetrado sós; e ao mesmo tempo tão suave que lhes fallecia o animo de se afastarem d'elle.

A medida que escutava o poeta, Ernesto imaginou que a grande cara de pedra pendia para diante para também ouvi-lo; e fixando a vista sobre seus olhos brilhantes perguntou-lhe:

— Quem sois vós, homem tão ricamente dotado pela natureza?

O poeta apontou para o livro que Ernesto tinha na mão.

— Lestes este livro, e por tanto conheceis-me... porque sou o seu autor.

Ernesto examinou ainda mais attentamente as feições do grande poeta, voltou-se para a cara de pedra e depois perplexo para o seu hospede. Derepente annuiu-se-lhe o rosto, sacudiu a cabeça, e exhalou um suspiro.

— Porque vos entristeceis — perguntou o poeta?

— Porque durante toda minha vida tenho esperado pelo cumprimento de uma profecia, e esperava que ella se realisasse em vós pela leitura que tenho feito de vossos versos.

— Esperaveis — replicou o poeta com um sorriso, — esperaveis achar em mim semelhança com a grande cara de pedra? E soffrestes uma decepção, qual a que soffrestes com Amassor, com o velho Trovão o Sangue, e com o Velho Cara de pedra. Sim, Ernesto, tal é a minha sorte. Deveis acrescentar o meu nome a esses tres nomes illustres, e registrar mais uma nova illusão. Porque, com vergonha e tristeza o digo, Ernesto, eu não sou digno de ser a copia d'essa suave e magestosa imagem.

E por que? — perguntou-lhe Ernesto; e depois, mostrando o livro: — Estes pensamentos não são divinos?

— Elles tem em verdade um reflexo da divindade — respondeu o poeta. — Vós podeis descobrir n'elles o echo longinquo de um cantico celeste. Mas minha vida, meu caro Ernesto, não tem correspondido aos meus sonhos. Eu tenho tido sonhos grandiosos que são realmente sonhos, porque tenho vivido, e vivido com satisfação no meio de cousas vis e baixas. Algumas vezes mesmo... e ousarei dissel-o? não tenho tido fé na grandesa, na belleza, e na bondade que meus escriptos tem revelado e tornado mais patentes, segundo dizem, na natureza, e na vida humana. Porque pois, vós que sentis a verdade e o bello, acharieis em mim essa divina semelhança?

O poeta fallava triste e com os olhos inundados de lagrimas. Ernesto tambem chorava.

Ao pôr do sol, Ernesto devia, segundo o costume, ir fazer no campo um discurso aos seus vizinhos.

Dando-lhe o poeta o braço e conversando ambos pelo caminho, chegarão ao lugar da reunião.

Entre duas collinas, encostado a um rochedo alcantilado, cujo aspecto severo era modificado pelo matiz das folhas de uma multidão de plantas trepadeiras, que apoiavam seus cachos de flôres nas asperezas da penedia, estendia-se um espaço não muito amplo, do qual se elevava uma especie de pulpito sufficiente a poder um homem fazer os gestos que acompanham os nobres pensamentos e as sinceras emoções. Foi a essa cadeira formada pela natureza, que Ernesto subiu, lançando um olhar cheio de bondade sobre os seus ouvintes que ali estavam em pé sentados e deitados sobre a relva conforme a vontade de cada um. Os raios do sol que se punha battião n'ellas quasi horizontalmente, e confundião seu brilho com a sombra solemne das velhas arvores, cujos ramos atravessava. Em uma outra direcção via-se a

grande cara de pedra reflectindo o mesmo brilho combinado com mesmo ar solemne.

Ernesto começou o seu discurso, e disse ao auditorio o que tinha no coração e no espirito. Suas palavras erão poderosas porque estavam de accordo com os seus pensamentos, e seus pensamentos tinham realidade e profunda por que se harmonisavão com a sua vida de todos os dias. Não erão somente sons que pronunciava esse homem, erão palavras de vida, porque resumião uma vida de boas obras e de santo amor. Perolas preciosas tinham sido fundidas no licor salutar que bebião os ouvintes. Ao passo que o ia ouvindo, o poeta descobria que a vida e o caracter de Ernesto formavão um poema mais bello que todos os que havia composto. Seus olhos encherão-se de lagrimas, contemplou com respeito esse homem veneravel, e disse consigo que nunca poderia haver nada mais digno de um profeta que esse semblante cheio de doçura e de divino entusiasmo, cingido de sua aureola de cabellos brancos. Ao longe, porém distinctamente e ainda inundada da luz dourada do sol, via-se a cara de pedra, rodeada de brancos vapores semelhantes ás alvas cans de Ernesto.

Nesse momento o rosto do orador sympathizando com um pensamento que ia exprimir illuminou-se, e apresentou tal grandesa cheia de bondade, que o poeta por um impulso irresistivel levantou os braços e exclamou:

— Olhai! olhai! Ernesto é o retrato vivo da grande cara de pedra!

Todo o auditorio olhou, e vio que o que dizia o inspirado poeta era a pura verdade. A profecia tinha-se cumprido... Mas Ernesto, tendo acabado o que tinha a dizer, travou do braço do poeta, e dirigio-se lentamente para a sua cabana, esperando sempre que apparecesse um homem mais sabio e melhor que elle, que se assemelhasse á grande cara de pedra.

Nathaniel Hawthorne.

RIO DE JANEIRO.

TYP. IMPARCIAL DE SILVA JUNIOR

Rua da Carioca n. 32.

1856